



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVOLÚCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE-ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE04912011GR



Gaiato

Quinzenário • 28 de Julho de 2012 • Ano LXIX • N.º 1784 • Preço: 0,33 € (IVA incluído)

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

OS dias vão quentes. As temperaturas amenas não estavam agradáveis nem convenientes. A época do ano exige temperaturas elevadas para quem veraneia ou espera o crescimento dos frutos da terra.

Depois de alguma actividade física, um banho na piscina tem um sabor único e incomparável. Assim tem sucedido com os nossos rapazes que, depois de pouco mais de duas horas na colheita da batata, vão retemperar as forças saboreando o prazer da imersão na água límpida, que atrai pelo reflexo do seu azul celeste.

No contraponto do esforço útil, que se prolongará no prazer da mesa saciando a fome do corpo, eles que tanto gostam de batatas, com o descanso em que se constitui um banho ansiado na piscina, aprendem os rapazes a apreciar ambas as coisas, esforço e descanso, a alternância em que se desenvolve a vida quotidiana de todos, sem desprezo ou repugnância por alguma delas. Assim se fazem homens felizes, que não serão nunca parasitas ou escravos, mas fermento sadio numa sociedade estruturada em falsidades, com extremos em facilitismos ou indiferença e rejeição.

Um dos nossos, que seguira no grupo que foi gozar três semanas na nossa casa de praia, mandou recado dizendo que queria regressar para ajudar na batata. Sei que ele gosta de trabalhar. Gosta de ver obra a sair das suas mãos. Não sofre de verborreia, nem aprecia o desleixo e a irresponsabilidade. Quando fala é para fazer valer as suas razões, não para queimar tempo, quando não há tempo a perder de forma inconsciente como fazem alguns.

O verdadeiro sabor do pão que se come, não tem a sua origem nos ingredientes que o compõem, mas no merecimento em comê-lo. Quem come assim, fica saciado e tem vida. Ao invés, não há pão que sacie quem injustamente o come, indo de experiência em experiência até à corrupção final. E são tantos os que procuram este pão!

Depois da apanha da batata, há que armazená-la no celeiro. As tardes são destinadas a essa tarefa. Embora peçamos o pão-nosso de cada dia, todos os dias, sabemos que devemos ser como as virgens prudentes do Evangelho, que a par do azeite para a luz diária, levavam a reserva para os dias seguintes. O sentido do gastar que se prolonga no tempo, neste caso ao longo de todo um ano, dá-nos um sentimento de segurança que não tem ganância, embora percebida como limitada e caduca, onde não cabe a soberba.

O trabalho dá sabor à vida e cria laços de equilíbrio com a natureza, a que estamos ontologicamente ligados. Infeliz e desequilibrada a sociedade que não se organiza — de quem se poderá queixar senão de si! — para que cada um dos seus membros possa dispor deste bem, alcançando com a ajuda dele, o porto feliz da sua vida. □



BENGUELA

Padre Manuel António

Dia de Pai Américo

CELEBRAMOS a Festa da Obra da Rua. Pai Américo nasceu para o Céu no dia 16 de Julho de 1956. Este foi o dia escolhido para o grande encontro familiar dos filhos que vivem dentro das nossas Casas do Gaiato com os filhos que já saíram. Juntam-se, também, muitos amigos que vêm a Obra da Rua como parte importante das suas vidas. Estou a escrever-vos, precisamente, no dia em que Pai Américo morreu. Foi o seu nascimento para o Céu. Esperamos, com um desejo muito forte, a hora da declaração pública da sua santidade, por parte da Igreja. Deus

sabe quando será. Pai Américo continua a acompanhar a Obra da Rua, gerada no seu coração de padre, pela acção de Deus Pai.

Quando ainda estava no meio de nós, algumas pessoas lamentavam, com muita dor, o seu desaparecimento futuro. Diziam: «As Casas do Gaiato e toda a sua Obra, a favor dos mais pobres, vão desaparecer também». Pai Américo respondeu a estas vozes: «É a ignorância a falar. A Obra da Rua não é minha, é uma Obra de Deus». Assim aconteceu. Pai Américo morreu, mas a Obra da Rua continuou e recebeu uma vida renovada com novas vocações

de padres e de senhoras, mães dos filhos que perderam as suas mães, mas não perderam o gosto de ter mãe, nas Casas do Gaiato. Depois da sua morte, passados seis anos, foi possível realizar-se o sonho de Pai Américo de levar as Casas do Gaiato para Angola e Moçambique. Cumpriu-se, deste modo, a palavra de que a Obra é de Deus. Maravilha! Quem dera pudesse estender-se ainda mais. As necessidades são imensas. Os filhos abandonados, a necessitar urgentemente de apoio, estão espalhados, com abundância, pela imensidão do território. Faltam, neste momento, as vocações para este trabalho específico e muito necessário.

Deus, porém, não dorme. Está sempre atento às nossas inquietações. Recordo aquela passagem da Palavra de Deus, na qual um jovem vai ter com o Mestre, com a grande inquietação de levar uma vida mais feliz e mais perfeita. Jesus disse-lhe qual era o caminho. O desprendimento dos bens materiais, de modo que não constituíssem a razão de ser da sua vida, era a condição necessária. De seguida, a entrega da sua vida ao serviço dos outros. O jovem não foi capaz de dar esse passo. Virou as costas e foi-se, cheio de tristeza. Quem dera surjam corações, verdadeiramente inquietos, à busca da felicidade com a entrega das suas vidas. Que os bens materiais sejam uma ajuda e nunca um estorvo na construção dum mundo fraterno. Cada um dê o que puder até ao dom da própria vida. Foi o ideal realizado na história de Pai Américo e de tantos e tantas que não deixam de partilhar os seus bens

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Um anel no dedo

O mundo que a Igreja deve servir é preferencialmente o dos Pobres. Moisés descalçou-se, porque o lugar que pisava era sagrado. Em certos momentos, em que é preciso reforçar o ânimo, é reconfortante também olhar bem para a parábola que Rembrandt pintou com beleza, do encontro do Filho pródigo ou do Pai de misericórdia. Descalço, recebe um abraço tão forte e meigo que nada os separa mais. É um acontecimento interpelador, sugestivo noutras leituras, como as que testemunhámos nestes dias difíceis

para os mais desfavorecidos. É grande a força das dores de quem dá à luz e daqueles que criam os filhos.

Em situação penosa, uma mãe implorou-nos com insistência para acolhermos um rapazito doente, mas vivaço, que esteve connosco. Entretanto, reunidos os pais, regressou ao seu ambiente natural; e continuamos a ajudá-los. Depois de uma visita noutra morada, deram notícias: *Agradeço a Deus por ter colocado o senhor nas nossas vidas. Ele está melhor.*

Foi desvendada, na massa do Cosmos, a partícula de Deus. Para além disso, há um vínculo grande que une as pessoas e, muito mais, um fio inquebrantável superior que nos liga ao Criador.

Noutro dia, cheio de tensão e esperança, tivemos de ir a um Tribunal, no sul do País, convocados para apresentar um miúdo de 9 anos, acolhido de emergência. Sua mãe não lhes consegue assegurar sequer as mais básicas necessidades alimentares, por estar desempregada. De facto, o desemprego crescente é um flagelo que vai fazendo mossa em muitos lares.

Na sequência da audição pelas doutas Magistradas, à hora e sem burocracias, chegou-nos a decisão judicial: *manutenção aos cuidados* desta Família; pois, a outra está numa *situação de perigo.*

Naquelas andanças, apelámos por Amós, profeta subversivo, que defendeu os Pobres e vergastou a corrupção.

Quando se encontraram os irmãos, nos átrios da *Domus justitiae*, foram mesmo ternurentos os momentos em que o menino de dois anitos esteve sempre agarrado às mãos do outro irmão, um garoto impetuoso. Na despedida, não o quis largar e o seu olhar saudoso esfrangalhou-nos o coração. A sua mãe rematou-nos: — *Tome também conta do pequenino, que eu não posso...*

Considerando que o progenitor não está com eles, juntá-los à mesma mesa é um sonho que, entretanto, faz sangrar algumas feridas, com golpes fundos; onde

Continua na página 3

Continua na página 2

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

16 DE JULHO — Fez 56 anos que o nosso Pai Américo partiu para o Céu, no Hospital de Santo António, Porto, com 68 anos, depois de um acidente de automóvel, em S. Martinho de Campo, Valongo. Na nossa Casa, foi lembrado e celebrada Eucaristia. É um dia importante para a nossa Obra!

FÉRIAS NA PRAIA — Temos uma casa simples, a precisar de arranjos, na Praia de Mira, que tem servido para passarmos férias de Verão. A 16 de Julho, segunda-feira, seguiu um turno de 18 Rapazes mais pequenos, com o Diogo Silva, acompanhados pela Sr.ª D. Nazaré, os Professores Paula e Paulo, filhos, D. Ângela, o Bandarra e o Manelzito. Já tomaram umas boas banhocas. Esperamos que passem uns bons dias de descanso e convívio!

AGROPECUÁRIA — Com o Verão, chegaram dias mais quentes; mas, os trabalhos agrícolas têm de se fazer. Assim, limpámos as ervas daninhas dos quintais e continuámos na encosta voltada para a rotunda Padre Américo. É uma tarefa custosa, mas necessária. Regámos as culturas do milho e da batata. Cortámos milharada, que ficou a secar no campo. Colhemos ameixas para a sobremesa. A meio da manhã, comemos a “bucha”. Depois da merenda, jogámos futebol e tomámos banho na piscina. □



PAÇO DE SOUSA

André «Gordo»

BATATA — Todos os anos se faz a apanha da batata. Este ano não houve excepção. Logo pela matina (às 8 da manhã), os rapazes, chefiados pelo nosso chefe-maioral (Rogério), apanham as batatas após estas serem retiradas da terra pelo Meno, condutor da nossa máquina agrícola. A apanha tem sido agradável e boa dado que tem saído muita batata da terra.

Pelo fim da manhã (após apanhar muita batata) os rapazes vão dar um alegre mergulho na piscina.

Na parte de tarde arruma-se a batata no celeiro. Retira-se a batata que esta tocada de modo a que o resto não apodreça. Esperamos que a batata fique brevemente apanhada e nos seja servida em muitas refeições.

16 DE JULHO — O dia 16 de Julho é uma data muito importante para a nossa Casa: foi a 16 de Julho de 1956 que o nosso Pai nasceu para o Céu. Como este é um ano de crise, em nossa Casa não se realizaram grandes festejos, dado que a verdadeira festa do nosso pai é feita nos nossos corações. O dia foi passado com normalidade e no fim da tarde tivemos a celebração eucarística do nascimento do nosso pai para perto do Pai dos homens. Foi um dia comum, mas de coração preenchido após recordar quem nos deu um tecto para viver e uma cama para dormir. Pai Américo estará para sempre guardado dentro dos nossos corações.

AGRICULTURA — As nossas árvores de fruta têm estado imparáveis. As mossas ameixeiras deram tanta fruta que foi necessário fazer doce para que não se estragassem. As uvas também já estão a aparecer e começa-se a pensar na vindima, actividade ocupatória preferida dos rapazes. □

LAR DO PORTO

Casal vicentino

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — O homem para nascer para a vida, precisa de se dar. O homem não pode comunicar com outro homem a não ser pela imagem. Aqui entra a imagem de Deus, no Seu filho e nosso irmão, que é Jesus Cristo. Portanto, a imagem do Pobre não pode ser outra a não ser a de Deus. Nós não podemos viver daquilo que recebemos, mas sim do que damos. É no dar que nos engrandecemos. Então Cristo não se deu a Ele próprio? Por isso, Ele foi e é grande. Por isso, também, temos de compreender que a fidelidade a Cristo, até à morte, contribui largamente para fundar a nobreza do homem. É preciso não esquecer que o Povo de Deus, somos todos nós: o pedreiro, operário, varredor de ruas, sacerdote, o Pobre, enfim todos. É grande o rebanho dos que sofrem na solidão em busca do Paraíso.

Pai Américo sentiu isso e, por isso, escreveu: «Os pais que fogem de casa para não ouvir o clamor dos filhos a pedir pão, levam nas passadas a maldição dos que, tendo-o, não querem dar e dos que dando, não dão o suficiente».

Pai Américo não se sujeitou à miséria, antes a desposou, por amor ao Pobre, podendo ter escolhido outra vida. Por isso mesmo ele dizia: «Eu sou o recoveiro dos Pobres». Ele sabia também que, por meio dos pobres, se entra no Paraíso.

A nossa Conferência continua a ir em auxílio daqueles que a nosso ver mais necessitam, embora com as dificuldades próprias dos tempos que atravessamos. É pena termos de continuar a negar auxílio a muitos que nos procuram.

Visitamos um casal. Ela, surda e com alzheimer. Ele, na cama ligado à botija de oxigénio. Os dois na idade dos setentas e tais. Como ajudá-los? Não sabemos, dadas as dificuldade que lutamos, mas estamos certos que, com a vossa ajuda e com a ajuda do Pai do Céu, alguma coisa iremos conseguir.

Jesus passa a sua Cruz, para as nossas e vossas costas, de modo a fazer-nos chorar a dor dos que mais sofrem. Que o Senhor nos proteja a todos e que Pai Américo interceda por nós junto do Pai do Céu.

O nosso NIB: 001000004417802000158.

O nosso endereço: Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto. □

MOÇAMBIQUE

Américo Lucas Torres

FÉRIAS — Neste período de férias, os mais novos têm aproveitado o tempo, pela manhã, na escola para rever a matéria com os manos mais velhos e também com ajuda dos professores; pela tarde, descansam e aproveitam o resto do dia para descarregar as energias jogando a bola até ao fim do dia.

Os mais velhos dividiram-se em grupos, uns apanham pedras em redor da nossa Casa e da nossa montanha, fazendo montes para delas tirarmos algum proveito; outros, apanham ferro velho, sucata, para se transformar e poder usar novamente. Juntamos para poder vender e obter algum dinheiro de que necessitamos. Aproveitamos também o tempo, para dar mais atenção aos animais, ao viveiro, e ao nosso pomar.

VISITAS — Um grupo de Amigos veio no sábado, pela manhã, para fazer a escalada da nossa montanha e percorrer o caminho pedestre da

mata. Dizia um membro do grupo, «vimos explorar as maravilhas desta montanha», uma frase que nos tocou bastante, é algo muito bonito e significativo. Esperamos receber mais visitas, para poderem ajudar-nos.

Recebemos também, aqui, em nossa Casa, um grupo de Amigos vindos da Universidade São Tomás, vieram conhecer a nossa Casa, partilhar conhecimentos, conhecer mais um bocado daquilo que é a nossa realidade e situação em que nos encontramos. Almoçaram connosco e ficaram impressionados com o carinho e acolhimento que tiveram. Saíram com esperança de cá voltarem mais vezes, o que nos deixa muito felizes.

TRABALHO — Uma aluna de uma Faculdade, cá, de Moçambique, recebeu um trabalho que tinha como objectivo fazer uma Tese e defendê-la. Ela, por conhecer a nossa Casa fez uma Tese sobre a nossa Casa do Gaiato, por mais incrível que pareça,

fê-lo com dignidade e humildade. Obteve a melhor nota da turma. O nosso muito obrigado.

DIA DE PAI AMÉRICO — A começar o dia, o sol já se fazia presente, enchendo os nossos corações de alegria, por este grande dia — dia do nosso Pai. Foi um dia repleto de paz, alegria, animação.

Para começar, tivemos uma celebração muito animada com a comunidade e também com a presença de antigos gaiatos — que não deixaram passar o dia em branco.

Seguiu-se o almoço em família, porque juntos formamos uma família. Houve apresentações de números musicais, mensagens, danças e, de seguida, um convívio com os antigos gaiatos.

Fizemos, também, uma homenagem ao primeiro gaiato desta Casa, o Telmo, que já concluiu o seu curso de medicina dentária, depois de tanta batalha, graças a Deus conseguiu. Obrigado ao Padre Américo e a todos que fizeram parte directa ou indirectamente deste dia festivo. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Continuação da página 1

com os mais pobres e abandonados. Está aí o caminho da sua realização pessoal, da sua vida feliz.

Neste dia da Festa da Obra da Rua, o dia de Pai Américo, a nossa Casa encheu-se com muitos filhos que vieram de fora, de gerações várias. Uns mais velhos, com mais de 50 anos, outros mais novos. Foi um regresso à Casa paterna, por algumas horas. Esteve o Paulo, um digno funcionário público, acompanhado de sua esposa. A sua presença é sempre regular. É um casal de filhos da Casa do Gaiato com a marca de muito carinho. Alguns vieram de longe para não perderem o calor da fogueira familiar que os criou, acesa, neste dia, com a presença dos outros irmãos. Tivemos a celebração da Eucaristia, como um dos momentos mais vivos. O refeitório ficou cheio, como só acontece neste dia. A refeição é, também, um momento muito significativo da comunhão das pessoas entre si. Graças à colaboração dos

próprios filhos, foi possível manter um ambiente alegre e feliz. Quem dera nas famílias naturais não faltasse também a ajuda dos filhos, como sinal de responsabilidade, traduzida na ajuda aos pais.

Não faltou um grupo de pessoas amigas que levam a Obra no seu coração e quiseram manifestar-lhe o seu amor com a presença neste dia de Festa e a oferta dalguns bens. Estes momentos são alentadores e despertam sempre novas energias para enfrentar a luta, de braço dado com a vida, para a levar em frente. Foram muito significativas as palavras dum filho mais velho, já lançado na vida,

dirigidas aos mais novos. Estes testemunhos têm muita força, pois vêm dos rapazes mais velhos. Entram na cabeça e no coração dos mais novos, na fase de crescimento, envolvidos por muitas tentações contrárias ao seu desenvolvimento. Não faltaram, pois, motivos de grande alegria. Vamos continuar no gozo destes frutos que nos dão ânimo para semear mais, sempre com a esperança. Ficai sempre connosco! Neste dia de Festa da Obra da Rua vai a nossa imensa gratidão para o Sr. Oliveira, nosso querido amigo, de S. João da Madeira, pela ajuda generosa que nos mandou. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Diante da miséria dos nossos Irmãos, toda a política deve ceder à única política fecunda e verdadeira — a política do Pai-Nosso.

in Pão dos Pobres, 1.º Vol.

SETÚBAL

Padre Acílio

ALBERI é um jubiloso menino, feliz e bem-disposto, embora, inclinado, quando em vez, a criar conflitos com os irmãos da sua idade. Não se fica por nada.

Veio da Guiné, com a mãe, na ânsia de recuperar, nos hospitais de Lisboa, a mão esquerda, atrofiada. Uma heroicidade da parte daquela mulher, que, sem conhecimentos nem aptidões, se lança num mundo de tremendas dificuldades, arrastada pela aspiração de minorar o infortúnio do seu menino.

Obter uma consulta é difícil e demorado, mas ela não desistiu. O instinto e o amor maternal, são invencíveis.

Ignorante e de aspecto muito pobre e sujo, manifesta, no entanto, uma alma nobre, humilde, atractiva e muito delicada. Uma heroicidade escondida!

Quando visita o seu filho, vem sempre falar-nos com agrado e perguntar como se porta o Alberi. Se lhe revelamos alguma diabrura do menino, logo ela, começa a repreendê-lo, manifestando a sua dor e mágoa, com uma nobreza, própria de gente fidalga.

Dizem-me que a deficiência do seu braço esquerdo, foi provocada por ignorante acompanhamento do parto. Eu ouço, fixo, mas não percebo. Vou aprendendo.

Animado pela fama de um hospital da região, marquei lá uma consulta. Esperei longo tempo e, no dia e hora marcados, confiante, dirigi-me ao hospital e após tirar a senha da vez, sentei-me com o Alberi a meu lado, na sala cheia de gente.

Carrego um cansaço difícil de ultrapassar e, quando me sento, por mais esforços que faça, não consigo evitar o adormecimento. Chamado o nome, o Alberi acordou-me e entramos ambos para o gabinete do Sr. Doutor, levantando-me eu instintivamente e meio ensonado, sem conseguir recuperar as minhas facultades.

O médico, mandou despir o menino, observou-lhe os ombros, fez vários movimentos com o braço e a mão, voltando-se para mim com a lúgubre sentença: — *Não há nada a fazer!*...

Mesmo assim, não estava acordado completamente, só depois, ao sair do hospital, com a aragem a bater-me na cabeça e a alma a doer, perguntei a mim próprio, com desgosto de não o ter dito ao clínico: — *Então Sr. Doutor, nem ao menos uma terapia física?! Não haverá mesmo nada a fazer?! E fiquei tolhido pelo meu sono, pela falta de reacção e pela terrível e inusitada sentença.*

Logo, uma revolta quis explodir dentro de mim: Se fosse um filho dele, falaria deste modo?...

A mãe não se deixou vencer, foi ao Hospital de S. José, onde o Alberi já tinha andado, conseguiu uma consulta, e trouxe-nos o papel.

Claro que, quem levou a criança, angustiado e esperançoso à consulta, fui eu.

Enquanto aguardávamos, na sala, a nossa chamada, chegou a mãe, que se sentou junto de nós, cansada e mal cheirosa. Daí a pouco, estava também a dormir. Ainda me atrevi

a perguntar-lhe: — *Então está com sono?* Ao que ela me respondeu: — *Trabalhei das 6 às 9 em limpezas no Colombo!*

O médico, sorridente e carinhoso, acolheu o Alberi, de forma que me surpreendeu, me animou, a abrir-lhe a alma. Contei-lhe então o meu desencanto com o seu colega, ao que ele respondeu: «*Não. Não senhor, há aqui muito a fazer*». Telefonou imediatamente ao colega de outro hospital e deu-me uma carta de recomendação para me dirigir, de seguida, à sua consulta.

Pelo caminho, a mãe, enquanto descia a calçada íngreme do Hospital de S. José, atrás de nós, ia balbuciando com os seus botões, mas de forma que eu ouvia. *Deus é que lhe há-de pagar!* E Repetia muitas vezes: *Deus é que lhe há-de pagar!*

Pareceu-me ouvir a voz do céu. Tão doce, tão doce! Tão convicta! Tão grata!

Deus é que me há-de pagar! Quem é que falou assim, com tão sincera gratidão de alma?! Quem?

Os pobres, têm saídas proféticas, que nos refrescam o coração e nos elevam para Deus! *É a Bênção do Pobre.*

No Hospital de D. Estefânia, o Alberi, fará uma TAC, terá nova consulta e ainda este ano, será operado — garantiu-me o segundo médico.

Que alegria, meu Deus! Depois daquele fatídico despacho, eu nem podia olhar para o menino, logo um mar de amargura e de impotência me derrubava. Depois de operado, darei, de novo, notícias do Alberi aos meus leitores. □

DOCTRINA

Pai Américo



Esta carta é um ai!

ASSIM como em Coimbra outrora, com as Criaditas dos Pobres, também hoje no Barredo me encontrei com uma Criadita dos Pobres.

É uma fidalga. Duas vezes fidalga. Primeiramente pelo seu berço e segundo porque se está despojando, pouco a pouco, das suas jóias por amor dos Pobres do Barredo. São jóias antigas e formosas. Eu tenho visto algumas delas. Quanto não deve esta Criadita dos Pobres a Deus, pelo dom de tão sublime loucura! E quem tal pode fazer se lhe não for dado do Alto?!

Ora nós vamos ver aqui o pulso desta senhora em uma carta que ela acaba de me enviar:

«**P**OIS eu fiquei aterrada com a ideia de ser demolido o Barredo e seus subúrbios. Demolir é fácil; reconstruir é também relativamente fácil, mas para que a demolição não resulte sofrimento maior para os que lá habitam era indispensável, antes de deitar abaixo, garantir a todos esses míseros, e são muitas centenas, umas moradias saudáveis.

Antes de demolir seja o que for, urge portanto edificar primeiro bairros ou “blocos” como o que existe na Rua Duque de Saldanha, perto do Cemitério do Repouso e que abriga muitas e muitas famílias.

O erro de demolirem sem primeiro garantirem habitação aos que são postos fora das suas casas ou quartos, embora miseráveis, tem criado lutas e revoltas ou sofrimentos grandes.

Eles antes querem esses tugúrios, esses lojões do que as estrelas do firmamento por abrigo único.»

PALAVRAS sóbrias e seguras de quem sabe o que quer e o terreno que pisa. É a experiência a falar. A carta contém um sentido de profunda humanidade. É ver como ela fala de sofrimentos e de revoltas e tudo mais que diz respeito às nossas qualidades.

É a espinha dorsal. São os nervos deste Corpo Místico de Jesus, cujos membros somos todos e cada um de nós. Os entrelaçados.

Blocos ou bairros. Casas lindas e baratinhas com cortinas nas janelas e jardim à entrada.

Esta carta é um ai. Só uma visitadora de Pobres a podia conceber e escrever. A visita-contacto no seio da própria família; o escutar, o tocar, o ajeitar, o servir. É só por isto e precisamente por isto que o visitante de Pobres fala e comove. Esta carta é um ai.

HÁ dias, entrava eu num dos «hotéis» daqueles sítios em visita a um doente. Quando subia os degraus, ouvi dizer: «**Já morreu**». Agarrei-me ao corrimão e descí. Tinha morrido o doente. Foi Deus quem lhe fechou os olhos! Este foi-se embora sem ter visto em sua vida água e luz e cortinas e flores. Só via diariamente o espectro de dez escudos que era obrigado a dar ao sublocatário. E tinha que sofrer isto, mais a doença de que morreu.

MAS a revolução continua. Eu cá sou optimista. Nós vamos caminhando muito acertadamente. Todo o homem de recta intenção, se nota que há muitíssimo para fazer, alegra-se necessariamente com a vista do que se está construindo e a vontade decisiva de se construir até ao fim. Bairros de casas baratinhas. Cortinas nas janelas e flores nos canteiros. Haverá mais justiça. Os nossos juízes terão menos probabilidade de se enganar nas sentenças. Haverá menos criminosos «sem morada certa»; menos, de casas inabitáveis; menos crimes feitos de miséria; mais Justiça.

EU mesmo tive ocasião de ver com os meus olhos o Bairro da Corujeira, no Porto. É um cabeço banhado de sol a olhar para o Rio Douro. Lá estavam as cortinas, e se não há mais flores é porque só há pouco está sendo habitado. Mais. Existem ali muitas casas por habitar, à espera daqueles que vão ficando sem elas nas demolições dos barredos. Mais. Outras que se estão construindo ali, somente serão habitadas por aqueles dos nossos irmãos condenados, até aqui, ao negrume do tugúrio. Mais ainda. Ouvi de alguns dos habitantes, notícias de uma maravilhosa Justiça Social: sendo as casas todas iguais, não o são as rendas. Justiça na desigualdade. Cada um paga consoante os seus ganhos. A revolução continua. Humildemente e prostrado eu beijo as mãos dos revolucionários.

Do livro *Doutrina*. 2.º vol.

MALANJE

Padre Rafael

ERA Domingo, de tarde, quando fomos visitar a irmã do Catemtem. Depois dos cumprimentos, pediu que me sentasse numa cadeira enquanto ela se sentava no chão com um bebé nos braços, e começou a falar: «*Ficámos sem os nossos pais, tinha eu doze anos. Quando a minha mãe morreu, tive de tomar o meu irmão e levá-lo abraçado ao meu peito, ele tinha três meses. A guerra estava a fazer muitos órfãos e vivíamos nas ruas, fugindo dos militares. Um dia quiseram tirar o meu irmão dos meus braços, comecei a gritar e a chorar desesperadamente. Quando me dei conta, já se tinham ido embora e o meu irmão ainda estava comigo.*

A fome era muita e os bebés que muitas de nós levávamos, choravam. Algumas não aguentavam o choro e acabavam por abandoná-

-los. Eu comecei a pedir e juntei-me com outras meninas que faziam o mesmo para juntar o que havíamos conseguido e dávamos de comer primeiro aos bebés.

Um dia fiquei muito doente e recolheram-nos umas Irmãs. Elas cuidaram do meu irmão e apoiaram-me para poder sobreviver à guerra. Quando o meu irmão completou os cinco anos, enviaram-no para a Casa do Gaiato — e desde esse dia sonho com que seja um homem e cuide de mim.

Há quatro anos, conheci um homem e juntei-me a ele. Tive um filho, que é este que tem três anos; depois, este bebé de três meses. Há dois meses, detectaram-me uma doença grave e já não posso ter mais filhos. O meu homem abandonou-me e estou só com estes pequenos.

Não sou capaz de trabalhar nem de sustentá-los. Assim, é com a ajuda das Irmãs e dos vizinhos que vou comendo todos os dias. Sempre tentando poupar o máximo, pois sei que é um grande esforço que fazem por mim.

Agora, quando vejo o meu irmão, com 15 anos, digo-lhe que tem de estudar muito para um dia poder cuidar dos meus filhos, pois segundo o que os médicos pensam, não viverei muito tempo.

Gostava de lhe pedir, se alguma coisa me acontecer, que recolha o meu filho na Casa do Gaiato, pois já falei com as Irmãs para que encontrem um lugar para o bebé.

Tenho apenas 21 anos e tenho de ir ao hospital quase todas as semanas, e não sei até quando vou viver.» □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

vamos deitando algum azeite, para que o sangue das suas veias não se vá perdendo.

Antes destes momentos tensos, às doze badaladas, deixámos para trás um abraço sentido e chorado da irmã do Agostinho. Franquearam-nos, outra vez, a porta do seu cubículo, pois o desespero chamou por nós. Não podem alugar mais do que um quarto; por isso, o rapazito veio, para continuar a estudar. Se o encontro era emotivo, por natureza, também escutámos bem no aceno de despedida, da sua mãe: — *Tráz sempre o anel no dedo...* Partiu para uma aventura, levando consigo um vínculo maternal de esperança, no seu projecto de vida, pois o umbilical permanece. Não é um filho pródigo, regressado de desvios, a quem

o pai pôs um anel no dedo, com autoridade. É, sim, um filho querido, que não querem perder.

Tal rapazito vai pondo, entre nós, um avental nas obrigações. O serviço humilde não é uma descida, no crescimento; mas, subida, em ordem à promoção humana. Das duas dezenas de garotos pequenos e mexidos que foram a banhos, nesta quinzena de Julho, para a Praia de Mira, é o mais alto.

Nesta Comunidade, que vive dos Pobres, saboreou logo, com os companheiros, uma inesperada partilha dominical, de uma fornada de pão quente, coincidente com dias abrasadores. A Caridade é fogo que não se extingue!

Se vivermos em Eucaristia, mesmo com um cibinho de pão, nunca nos separamos do amor de Cristo e do Pai de misericórdia! □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

COSTUMO dar, de quando em vez, contas aos leitores, das quantias recebidas para socorrer os mais pobres que vou conhecendo, me batem à porta ou entro na sua casa.

Não é uma rotina. É um dever de consciência.

Contudo, nunca revelei quanto me estimulava as vossas iluminadas cartas. Às vezes, é uma simples mensagem, como esta da Maria de Jesus:

«Para os seus Pobres», vinte euros.

Este pronome possessivo, *seus*, tem um peso enorme dentro de mim e eu gostava de o ver alargado a todos os cristãos. *Os nossos Pobres*.

O Mestre, na sua sabedoria, chamou felizes aos pobres, não só aos carenciados, humildes e sofredores, mas também àqueles que se deixam possuir por eles e, em consequência, repartem o

seu tempo, a sua cultura e os bens materiais com eles.

Um espírito de pobreza é sempre uma energia de comunhão com os sofredores, nunca um alheamento. Por alguma razão, Ele recomendou aos seus discípulos e pregadores da mensagem do Pai «... que não levassem duas túnicas, nada para comer, muito menos, ouro, prata ou cobre, porque o trabalhador merece o seu salário». A pobreza dos mensageiros é o alicerce de toda a pregação. Qualquer edifício, sem alicerce, não se aguenta. A pregação sem pobreza é vã. Não atinge ninguém. Não fere a alma, não convence nem converte qualquer pessoa. Para desenvolver e propagar a fé cristã, uma condição se impõe: — Que os cristãos se deixem apaixonar pelo Espírito de Pobreza. Quando me refiro aos cristãos, incluo especialmente os clérigos e religiosos, os quais

devem testemunhar a sua fé, visitando, acolhendo e encorajando todos os que sofrem esta terrível crise.

Vem de Aguiar da Beira, terra onde o Padre Fonseca, desenvolveu um profundo apostolado, ajudando os auto-construtores: «Acabei de ler O GAIATO, que hoje recebi e vi o que por aí vai de pobreza, a precisar de ajuda e estranho que numa cidade como Setúbal, situada numa das zonas mais ricas e desenvolvidas do país, haja tanta miséria.

Dou graças a Deus por viver numa zona dita pobre, mas que não têm a pobreza que aí existe.

Reconheço que tenho andado pouco contributivo, para as vossas ajudas aos necessitados, não que me tenha esquecido e alheado desse problema, mas, por vezes, o que tenho disponível, também não é o que gostaria de oferecer. Por hoje envio um che-

que de cem euros, que é quase metade da minha reforma. Assim que possa mandarei mais».

«Acabo de ler O GAIATO que o correio me trouxe. Faz-me bem lê-lo e ver as dificuldades enormes com que se confronta, sem perder a fé nem a esperança». E manda, segundo as exigências da sua fé, mil euros, esmola que há três anos, se tem repetido muitas vezes.

«É para honrar Nossa Senhora e em sufrágio da minha irmã, recentemente falecida. Envio o cheque de 800 euros, para ajudar os nossos irmãos mais pobres». É uma octogenária de Braga.

Esta cruza-se, em mim, com outra de Beja, a qual fala assim: «Pergunta-me também pela saúde da alma. Não estou certa que seja tão boa como a do corpo. Sabe o que é aquilo do Vai-se andando? — Acho que amo com um amor de letra minúscula».

Repete muitas vezes a sua ajuda numa ânsia incontida de perfeição. Repugna-lhe o «Vai-se andando» num desejo devorador de ser como o Pai Celeste.

Do Barreiro, com escrita trémula, mas convicção firme: «Esta pequenina migalha é para juntar ao pão que vós repartis com tantos irmãos que nada têm».

De Oeiras: «O que segue junto é para o 'seu' Património». Sim, tenho um gigantesco património, constituído pelos Pobres, o qual, cada dia, se avoluma mais.

De Gondomar, esta assinante não pensou que o Património estivesse sediado na Casa do Gaiato de Setúbal e mandou-o para Paço de Sousa:

«Mais uma migalhinha para o Património dos Pobres e bem-hajam pela vossa obra».

É uma forma de aplaudir o Evangelho, manifestar a alegria interior e a força que a leitura do Jornal provoca no seu coração.

De Rio de Mouro:

«Fico tão feliz quando leio o Património dos Pobres e vejo aquelas dádivas tão belas e desinteressadas. Sinto-me uma mosquinha insignificante, mas Deus sabe que o que dou é com muito amor!»

De Vialonga:

«O Património dos Pobres caiu-me debaixo dos olhos, ele e a sua frase: — É uma graça nunca demais agradecida, esta força interior, que nos põe a caminho. — Vou mandar uma migalha de vinte e cinco euros que, aqui, na Paróquia, também estão a precisar».

Como é bom e apostólico que a Paróquia manifeste à sua comunidade as necessidades dos seus pobres. E esta recolha será tanto mais abundante em valores materiais e fecunda na divulgação da fé, quanto o seu Pároco for pobre e amigo dos pobres.

Não cheguei a metade dos testemunhos que tenho em carteira.

Ficam para outra vez. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

REPENSAR Pai Américo é o que por dentro repassa todo o meu ser. Mais nestes tempos, em que a angústia de assegurar a continuidade desta Casa, me ocupa.

Foram certamente anos de angústia aqueles que mediarão a saída de Pai Américo de Moçambique, até que foi ordenado Padre. O desamarrar-se de tudo o que o dinheiro lhe proporcionava, das ofertas valiosas de melhor emprego, «tudo como esterco», entrar e sair do Convento Franciscano em Tuy, banidas que estavam em Portugal as Ordens religiosas, ser rejeitado no Seminário da sua terra, entrar, com o amparo do irmão, no de Coimbra, onde o prognóstico do Prelado foi que se não desse tábua, dava casqueira, mantiveram-lhe a angústia. Acabou os estudos, com o voto escrito de se consagrar a Deus na Pobreza, como Francisco de Assis, mas incapacitado de trabalhar, devido ao cansaço, tal o empenho no estudo, que lhe valeu o mérito de «passar na manga benevolente dos mestres». Que aleluias terá cantado a sua alma no dia do Grande Sacramento!

Requisitado pelos colegas para pregar nas paróquias, onde o ardor apostólico causou revolta em alguns ouvintes, pessoas muito conceituadas no meio rural, que foram pedir ao Bispo que o fizesse calar, quando este lhe dá o recado, aproveita imediatamente pedir-lhe «deixe-me ir para os Pobres, que com esses me entendo». Desejo e esperança de encontrar o caminho a que Deus o chama. Mergulha nos tugúrios e mansardas de Coimbra. Lugar de tuberculose e substituição de sobrevivência. Lugar de Mártires, de Heróis, de Santos,

como havia mais tarde de chamar ao Barredo. Pensa dar alegria aos miúdos pobres, leva-os de comboio até à praia da Figueira ver o mar, enche-lhes a barriga de pão, ovos cozidos, maçãs e laranjas que o bom povo lhe leva às estações do comboio. Mas vem preocupado. Sentiu que não foi boa ideia. Vomitado, dores de estômago, as interrogações lhe sugerem que no campo deve ser melhor ideia. Colónias de férias na montanha, à beira do rio Alva. As crianças exultam com pão e amoras. E ele preocupado em mantê-las ali, durante um mês, com acompanhamento de estudantes de Coimbra. Um mês, dois, três. Os miúdos pedem para ficar ali. Alguns não têm onde. Interiormente o problema não era dele. Eram os outros. Pedir era uma necessidade, os Pobres uma paixão.

Lembra-se de muitos que por paixões perdem a cabeça e ele anda também perdido. Ainda não acertou o rumo. Lembra-se de ter ido à Inglaterra a explorar negócios de vinhos do Porto e rendas de Vila de Conde e não chegou a abrir as malas. Daquele colega do Chinde, tresmalhado da mulher a quem ele avisa e o mal avisado lhe faz uma espera, para tirar desforra. Tirou-lhe o varapau da mão e acertou-lhe umas cacetadas. E a «condecoração da ordem da bengala» que recebeu dos outros colegas e este ao depois o maior amigo. Não há rapazes maus, havia de dizer mais tarde. Mas quanto isso demorou. Aquela ida à Austrália e aquele regressar apressadamente a Lourenço Marques, porque um amigo lhe escreve a dizer que anda desorientado e pensa matar-se. Expede-lhe um telegrama: «espera por

mim» e vai logo e quando chega, já o outro tinha mudado de ideias. Há aquelas freiras esquisitas, tão aprumadinhas, que encontra no navio e vai convidar para dançar. Essas deixaram-no a pensar. Pensamentos e pensamentos, que lhe vêm à lembrança, mas não suavizam a sua ânsia.

Quer mais. Os Pobres que visita tornam-se carne da sua carne, ossos dos seus ossos. Está a sofrer como eles e sofre por eles. Vive de esmola no Seminário. Há uma ligação profunda entre o humano e o sagrado. Dá contas ao Bispo do seu trabalho e ele diz-lhe: «vá andando». Como quem diz: não sei onde vai parar.

Entra na Capela. Atrevimento, malandrice, o que foi soube-lhe a Aliança. Não está ninguém, vai ao Sacrário, abre a píxide e comunga. Sente uma força irresistível para continuar a pedir, visitar os seus pobres e tratar dos seus filhos. Só os santos foram testemunhas. Desta vez não lhes podia virar costas, como fez na Quaresma, quando, sacristão. Não sabia onde estavam os panos roxos.

Olha o caminho já andado. Deus vai abrir-lho. Anda na rua absorto. Pensa nos seus pobres e doentes, nos seus filhos. Uma criança o chama. Sempre da boca delas, o apelo de Deus. «o nosso pai está a morrer e passamos muita fome». Sobe a escada pela mão dela. «Tome conta dos meus filhos». Não sai dali sem ele expirar. «Foi uma martelada». Sai a correr direito a quem tem uma casa disponível e dá-lhe cinco contos de entrada. Dali para a frente foram as crianças a ensiná-lo e Cristo, sempre crucificado nos Pobres, a levá-lo pela mão. Esta foi a minha maneira de lembrar Pai Américo neste dia em que ouviu o «Bendito de meu Pai». □

SINAIS

Padre Telmo

Onosso contentor para Malanje está quase pronto. Falta o enchimento na presença da autoridade angolana (Bibac). Esperamos que não sejam rigorosos e nos ajudem.

Recebemos muitas ajudas: De Paço de Sousa, que nos pagou todos os enlatados e peças para as máquinas. Também do Padre Acílio, com roupa nova e peças para o tractor.

Foram muitos os Amigos que mandaram ajudas. Não falo em nomes. O Senhor sabe e já apontou.

* * *

UMA nova canção dentro do coração! Aberta ao amor e que cante alegria, esperança e faça sonhar com pedras vivas, para construirmos nova cidade, com alicerces de justiça e onde não se conheça a palavra fome.

Nova canção! Cidade de Deus, sem pessoas a dormir no cimento dos passeios, em colchões de cartão velho, e encostadas aos prédios...

Não haverá redes de ruelas, como labirintos, de cubatas e cubatas sem água, sem luz e chão de terra batida... Não, tantos irmãos sem destino, apanhados pelo álcool e cambaleando com suas falas sem nexos...

Vamos todos cantar esta nova canção! E construir esta nova cidade!

* * *

NO princípio, lá nas catacumbas, reinava a repartição de bens. Os mais ricos, vendiam e repartiam. Tudo em comum! Maravilhoso! A tantos anos de luz... Impossível regressar. Possível e necessário traçar caminhos, abrir veredas — se preciso, saltar muros.

Para quando e para quê — guardamos nossos tesouros?

Incompatível com a nossa fé, podendo nós, haver pobres na nossa rua...

«Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum.» □